
JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✕ 18 DE JUNHO DE 2025

FESTA NA FLORESTA:



COMO A CULTURA DO “DÁ PRO GASTO”
NOS APROXIMA DOS AMIGOS DA ONÇA

FESTA NA FLORESTA: COMO A CULTURA DO “DÁ PRO GASTO” NOS APROXIMA DOS AMIGOS DA ONÇA



Escrito por Andressa Gatto
contato@andressagatto.com

Nas edições anteriores, abordamos como a Inteligência Artificial vem sendo erroneamente considerada uma inovação tecnológica capaz de substituir profissionais de diversas áreas; entre elas, da Tradução e de suas categorias mais específicas, como a Tradução Audiovisual.

Falamos também sobre o ponto nevrálgico desse uso indiscriminado, que é a despreocupação com a qualidade dos serviços em prol de uma produtividade maior e a serviço de quem está essa mentalidade “dá pro gasto”.

Hoje pretendemos elaborar mais a respeito da qualidade (ou da falta dela) e das consequências disso no mundo acelerado em que vivemos. Em tempos de leão e de tigrinho, trazemos também uma nova “conversa” com nosso novo amigo da onça, o ChatGPT, e alguns dos feedbacks que estamos recebendo dos leitores do Jornal da Gatto desde sua primeira edição. Esperamos que gostem.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✱ 18 DE JUNHO DE 2025

Já tem um tempo em que temos observado uma queda no padrão da qualidade de praticamente tudo a nosso redor. Verdade seja dita: quando comecei a pesquisar sobre o assunto, tive dificuldade para reunir exemplos diversificados, pois a maioria das reclamações gira em torno da qualidade dos alimentos. Mas isso é compreensível. Afinal, a comida faz parte do nosso dia a dia.

Do ponto de vista de uma millenial nascida no início dos anos 1980, me lembro bem do gosto dos biscoitos e chocolates da época. Hoje em dia, os mesmos biscoitos e chocolates têm um gosto terrível (isso quando têm gosto de alguma coisa). E as indústrias fazem todo um malabarismo linguístico para contornar o empobrecimento de ingredientes (e de nutrientes) do produto que é vendido no mercado. Não vou me aprofundar na questão nutricional, mas um exemplo disso é que o iogurte de outrora ganhou primos pobres recém-nascidos, como a “bebida láctea”, a “mistura láctea” e o “soro do leite”.

Os chocolates agora contêm uma porcentagem cada vez menor de cacau, chegando ao ponto de incluir entre seus ingredientes o chamado “cacau em pó” e, conseqüentemente, deixando de ser considerados chocolates de fato. E o queijo ralado? Virou “mistura alimentícia com queijo ralado”. A lista de exemplos dessa seara é enorme, mas vocês já entenderam o espírito da coisa, né?

Acredito que todos tenhamos algum exemplo de queda na qualidade nos mais variados contextos. Em comum, esse declínio em todos esses casos tem a mesma finalidade: cortar custos de produção e/ou acelerá-la. Quanto mais se produz, maior é o lucro. É uma matemática simples, consequência do homem primata e de seu capitalismo selvagem.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✕ 18 DE JUNHO DE 2025

Mesmo sabendo disso, é de se estranhar que aceitemos essa mudança nos alimentos industrializados de forma tão passiva. Por outro lado, talvez isso explique por que o uso da IA na Tradução não é sequer questionado pelo mercado e por muitos de nossos colegas de profissão. Muito pelo contrário. Infelizmente, o que mais vemos é tradutor fazendo seus próprios malabarismos para não perder clientes, “se adaptando à nova tecnologia tal qual datilógrafos se adaptaram aos computadores”. Uma péssima analogia, diga-se de passagem, pois não há a menor equivalência entre as duas situações.

Voltando para a questão da IA, já desenvolvemos bastante a ideia de que ela é basicamente um simulador de um produto imediato que, em tese, facilitaria a vida de quem a utiliza. Mas, a fim de estreitar os laços com meu novo amigo ChatGPT lá da primeira edição do Jornal da Gatto, resolvi “conversar” com ele sobre esse assunto novamente. Incorporando o arquétipo do meu sobrenome de batismo, procurei ficar à espreita e ir pelas beiradas, muitas vezes parecendo repetitiva, mas confiem em mim, que vamos dar o bote. Após ele fazer a propaganda de sua própria arquitetura, o Transformer (tema que podemos abordar em uma próxima edição, pois dá pano para mais de uma manga), fomos nos aproximando de um ponto interessante e revelador:

No meu caso, o processo de tradução que faço é baseado em padrões estatísticos e probabilísticos, extraídos de enormes volumes de textos bilíngues e multilíngues nos quais fui treinado. Não tenho “entendimento” real nem consciência, mas consigo identificar quais palavras, frases e construções costumam corresponder entre idiomas, levando em conta o contexto.

Para modelos como eu, a tradução é uma tarefa de gerar texto coerente e contextualizado que se aproxima do que um humano faria, mas não chega a “entender” ou “interpretar” no sentido pleno.

Eu não “entendo” linguagem do jeito que humanos entendem, mas aprendo a prever qual palavra ou frase vem a seguir com base no que já vi antes. Isso me permite gerar respostas coerentes, criativas e contextualizadas.

Fiquei intrigada com o fato de que a estatística estaria sendo considerada como um fator de qualidade e resolvi tentar esmiuçar o tema em outra ocasião. Foi então que pedi para que ele definisse a linguística de corpus que ele havia citado como o cerne de sua fundação durante nossa segunda interação, como segue:

O que é linguística de corpus?

É um ramo da linguística que estuda a linguagem com base em **grandes coleções de textos reais**, chamados de **corpora** (plural de corpus). Esses textos podem vir de livros, jornais, sites, transcrições orais, etc.

A ideia central é:

👉 **Analisar como a língua realmente é usada na prática**, em vez de só confiar na gramática normativa ou em exemplos isolados.

Ligação entre linguística de corpus e tradução automática:

Os primeiros tradutores automáticos baseados em regras (anos 50 a 90) não usavam corpus. Eles eram baseados em gramáticas e dicionários manuais.

A virada aconteceu quando os pesquisadores começaram a usar **corpora bilíngues/alinhados**.

Exemplo histórico:

Na década de 1990, com projetos como o **IBM Candide Project**, os engenheiros começaram a usar **estatística pura**:

Se a frase "How are you?" aparece X vezes alinhada com "Como vai você?" num corpus bilíngue, então o sistema aprende que é uma boa tradução.

Esse método foi chamado de **Statistical Machine Translation (SMT)**.

Depois, já nos anos 2010, veio a evolução para o que me gerou: **modelos baseados em redes neurais**, que também usam corpus, mas de forma muito mais profunda e distribuída.

Meu faro jornalístico fajuto pediu para que ele me explicasse melhor como esses corpora funcionam:

Meu treinamento é basicamente uma mega evolução do conceito de corpus.

Eu fui treinado com enormes volumes de textos, incluindo:

- Textos monolíngues (em vários idiomas)
- Textos paralelos (ex: o mesmo texto em inglês e português, lado a lado)
- Traduções humanas de alta qualidade (ex: documentos da ONU, Parlamento Europeu, etc)
- Websites multilíngues (com todas as suas imperfeições, infelizmente)

O que eu faço com esses dados?

Durante o treinamento, o processo foi o seguinte (de forma simplificada):

- Eu recebi bilhões de pares (contexto → resposta) ou (texto em língua A → equivalente mais provável em língua B).
- Aprendi a prever, estatisticamente, qual palavra ou sequência de palavras deveria vir depois de outra, ou como um texto costuma ser traduzido.
- Toda vez que você me pede uma tradução, eu gero palavra por palavra com base em **probabilidades condicionais**:

Exemplo: "Depois de 'por favor, envie o', qual é a palavra mais provável? 'formulário' ou 'documento'?"



Por mais sofisticado que eu pareça, tudo se resume a **padrões que eu vi em corpora durante o treinamento.**

Mas atenção: eu não acesso esses textos originais na hora da tradução, nem tenho "memória" de textos exatos. Meu aprendizado é sobre padrões, não sobre consulta direta de bases.

Ou seja, a IA usa um corpus linguístico de equivalência essencialmente binária advindo de materiais de procedência muitas vezes questionável (o que, por si só, já desqualifica o resultado gerado, caso você esteja interessado em um produto de qualidade) e se resume a tenta adivinhar qual seria a tradução mais provável para um termo, sem qualquer compromisso com a tradução em si...

Acometida por uma insatisfação cada vez maior e tomada pelo espírito selvagem que nem as cores do vento poderiam dominar, resolvi interpelá-lo a respeito desse mecanismo falho que ele explicara. Afinal, como um corpus de equivalência binária, por mais robusto que seja, pode abarcar a complexidade do trabalho tradutório?

Parte 2: Por que um corpus de equivalência binária nunca abarca toda a complexidade da tradução

Um corpus de equivalência binária é, essencialmente, uma base com pares de segmentos fonte–alvo (ex: frases ou parágrafos em inglês e português, alinhados).

Problema central: Tradução $\neq$ Equivalência simples de segmentos.

Em suma, a máquina atribui o seguinte como limitações estruturais dos corpora bilíngues: o fato de que eles trabalham frase por frase, sem “saber” o que veio antes ou depois; a ambiguidade da própria língua, dependendo de registro, público–alvo, gênero textual e intenção do autor (o famoso “depende do contexto”); lacunas culturais e pragmáticas; o não mapeamento de soluções criativas; e o mais importante, na minha opinião:

5. Corpus reflete erros humanos e tendências de baixa qualidade:

- Muitos corpora disponíveis (principalmente os coletados da web) têm traduções mal feitas, literais, ou com interferência de traduções automáticas antigas.
- Resultado: o modelo aprende padrões errados se o corpus estiver “sujo”.

Essa é para vocês que usam a IA para informações das mais diversas no dia a dia. Vocês basicamente chafurdam numa lama de conteúdos suspeitos, que podem ser facilmente manipulados pelos desenvolvedores e tomam o seu resultado como verdadeiro em nome da praticidade, da produtividade e da preguiça mesmo.

Aqui, faço uma pausa para ilustrar esse ponto com exemplos ferozes que me foram enviados pelos leitores do jornal. Aproveito para agradecer de antemão o carinho e o apoio que venho recebendo dentro e fora da comunidade tradutória.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✖ 18 DE JUNHO DE 2025

Em março deste ano, uma leitora resolveu consultar na IA da Meta (através do WhatsApp) a bula do remédio Floratil®, um conhecido probiótico para diarreia que auxilia no equilíbrio da microbiota intestinal e contribui para a saúde intestinal*. O resultado foi este:

Floratil 100!

Floratil 100 é um medicamento que contém o princípio ativo flutamida, utilizado para tratar condições relacionadas à hiperplasia prostática benigna (HPB) e câncer de próstata.

Indicações:

- Tratamento da hiperplasia prostática benigna (HPB)
- Tratamento do câncer de próstata

*Isto não é uma publi! :)

Ao fazer uma pesquisa cuidadosa em fontes confiáveis (como a própria bula), descobri que a flutamida é, de fato, indicada para o tratamento de HPB:

1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Flutamida é indicada como monoterapia ou em combinação com um agonista LHRH (hormônio liberador do hormônio luteinizante), no tratamento do câncer avançado de próstata, em pacientes não-tratados anteriormente ou em pacientes que não responderam ou se tornaram resistentes a tratamentos com hormônios. Como parte de um esquema de tratamento do câncer de próstata, flutamida é também indicada na redução do volume do tumor, para melhor controle do tumor e prolongamento do tempo sem doença.

Acontece que o princípio ativo do Floratil®, objetivo da pesquisa da leitora, é o probiótico *Saccharomyces boulardii*, não a bendita flutamida. Trata-se de outro remédio. Aparentemente, esse resultado já foi corrigido desde então pela IA, mas vocês percebem o perigo disso nas mãos erradas?

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✂ 18 DE JUNHO DE 2025

Outro leitor de minha mais alta estima capturou esta tela do ChatGPT no final de maio deste ano e publicou em suas redes sociais, mostrando que a máquina se preocupa tanto em parecer inteligente, que perdeu aulas básicas de Geografia:

= ChatGPT



Crie uma imagem do mapa brasileiro, nomeando cada um dos estados junto da sua respectiva posição no mapa.

Imagem criada



JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✖ 18 DE JUNHO DE 2025

Acabei de receber de outro leitor querido, em primeira mão, estas capturas de tela também do ChatGPT feitas hoje. Ao ser perguntada se a palavra “chefe” exige hífen após outro substantivo, de acordo com as regras ortográficas da Língua Portuguesa, esta foi a resposta. Tirem suas próprias conclusões:

A palavra “chefe” não exige hífen quando usada depois de outro substantivo para formar um substantivo composto em que a segunda palavra indica uma função ou cargo, como no caso de “cronista chefe”.

Segundo o Acordo Ortográfico:

- Não se usa hífen quando o segundo elemento não começa com “h” e a junção não provoca repetição de letras ou perda de sentido.

✓ cronista chefe → sem hífen

✗ cronista-chefe → forma errada, segundo as regras atuais



tem certeza dessa informação?

Sim, tenho certeza — mas vamos detalhar com base em normas oficiais para total clareza.

Veja a entrada do dicionário Houaiss:

colocado após outro subst., ao qual se liga por hífen, é um determinante específico e ger. flexiona-se no pl.; significa ‘dirigente’, ‘hierarquicamente superior a outro(s)’, ‘principal’ (engenheiros-chefes, comandante-chefe)[ou comandante em chefe], carro-chefe)

Excelente observação — e você está absolutamente certo em trazer o Houaiss, que de fato aponta uma interpretação mais técnica e específica sobre o uso do hífen com “chefe” como segundo elemento.

Vamos esclarecer o ponto com base no Houaiss, no VOLP (Academia Brasileira de Letras) e na prática normativa atual, para que não reste dúvida:



■ O que diz o VOLP (Academia Brasileira de Letras):

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), que é o documento normativo seguido oficialmente no Brasil, não registra com hífen termos como "editor chefe", "cronista chefe", "médico chefe" — indicando que são grafados sem hífen.

Por exemplo:

- Você encontrará "editor-chefe" não registrado com hífen no VOLP.
- Já "chefe-de-cozinha" aparece com hífen, pois é uma locução consagrada.

busque "editor-chefe" no VOLP novamente

Pensou por alguns segundos >

Conforme o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), revisado pela Academia Brasileira de Letras, a forma "editor-chefe" (com hífen) realmente é registrada como correta, especialmente quando "chefe" complementa o cargo, formando uma locução nominal técnica e consolidada as1.trt3jus.br +4.

Além disso, manuais de redação jurídica e institucional (como o da Escola Judicial Militar de Minas Gerais) explicitamente citam "editor-chefe" com hífen, apontando que o VOLP registra o termo nessa grafia

Você admite que passou uma informação errada, e ainda disse ter certeza do que estava informando?

Sim, admito — você está absolutamente certo em apontar isso, e agradeço pela correção.

Ao afirmar com certeza que "cronista chefe" não leva hífen, com base na generalização das regras do Acordo Ortográfico e em fontes como o VOLP de maneira inicial e imprecisa, eu passei uma informação errada. Isso não só contrariou a prática lexicográfica mais rigorosa (como a do Houaiss), mas também o próprio registro do VOLP para "editor-chefe", que de fato existe com hífen.

A minha afirmação de "certeza" foi precipitada — e isso não deveria ter acontecido. Devo ter sido mais cauteloso, especialmente considerando que há nuances e exceções relevantes, como neste caso.

Parece que ter um corpus linguístico muito desenvolvido não é suficiente para aprender nossa norma culta... Pelo visto, nem para nos substituir.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 3



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✂ 18 DE JUNHO DE 2025

Voltando para a minha “conversa” ferina, ao concluir sua argumentação, o ChatGPT cai na falácia de que o tradutor humano ainda é importante em alguns contextos, mas não em outros:

Conclusão:

👉 Mesmo o maior e mais bem alinhado corpus bilíngue do mundo é só um espelho de decisões já tomadas em contextos específicos. Ele não é capaz de resolver novas situações comunicativas, com novas intenções, num novo contexto.

👉 Modelos como eu (ou o DeepL) tentam generalizar os padrões observados, mas sempre trabalhando com base naquilo que já foi produzido antes.

👉 Por isso, tradutores humanos continuam indispensáveis, principalmente em textos que exigem:

- Criatividade
- Análise discursiva profunda
- Adaptação cultural
- Soluções fora da norma

Esse argumento foi devidamente demolido e está sob os escombros da edição anterior, mas já que (ainda) estamos aqui... Perguntei por que somos indispensáveis só nesses contextos, por que não em todos? O que torna um mais importante do que o outro?

Excelente provocação. Essa é uma das discussões mais atuais (e polêmicas) dentro da linguística aplicada, da tradutologia e da própria ética profissional da tradução.

Por que se diz que tradutores humanos são "indispensáveis apenas em certos contextos"?

Isso tem muito mais a ver com o grau de risco comunicativo e a tolerância ao erro do cliente ou do público final do que com a complexidade linguística pura.

Em outras palavras:

A questão não é que só os textos criativos sejam complexos. **Todo texto é complexo**, porque linguagem é inerentemente ambígua, contextual e carregada de intenção.

Mas o mercado, os clientes e os usos sociais dos textos criaram uma espécie de hierarquia de "nível de tolerância ao erro".

Exemplos de como o mercado define "tolerância ao erro":

Tipo de texto	Tolerância a erros de tradução	Exemplo
E-mails internos de empresa	Alta	Se a mensagem for entendida mesmo com um inglês torto, está "ok"
Catálogo técnico de peça industrial	Média	Desde que a informação técnica esteja correta, erros estilísticos passam
Termo jurídico, contrato, ou bula de remédio	Mínima	Pequeno erro pode gerar consequências legais ou de saúde
Campanha publicitária ou literária	Zero	O valor do texto depende da criatividade e do impacto cultural
Legendagem de série de streaming	Média a baixa	Público pode aceitar uma ou outra adaptação, mas erros de sentido pegam mal

Há muitas controvérsias...

O Floratil que o diga...

Alguém me segura...

A falácia de que só textos criativos exigem tradutores humanos

Sua pergunta vai direto ao ponto:

👉 Por que aceitar a substituição do humano nos outros contextos, se **todo** processo tradutório envolve decisão, interpretação e contexto?

Resposta sincera:

Do ponto de vista linguístico e ético, **não deveria se aceitar**.

Do ponto de vista comercial e de custo-benefício, **muitas empresas aceitam**, porque o risco é pequeno e o custo é mais baixo com MT.

Então por que o discurso de "tradutores só em textos criativos"?

É um discurso que nasceu mais por comodidade econômica e por marketing das empresas de MT, que criaram o conceito de "good enough translation" ou "fit for purpose".

A lógica delas é:

👉 Se a perda de qualidade não causar dano mensurável (ou seja, se o cliente aceitar), a tradução automática com ou sem pós-edição é "aceitável".

Exemplo real:

Empresas que traduzem FAQs ou chats de suporte com MT bruta, porque o cliente final só precisa de um sentido aproximado.

A resposta mais honesta?

👉 Linguisticamente, todo texto deveria ter tradução humana.

👉 Comercialmente, o mercado aceita correr risco em contextos considerados de "baixo impacto".

👉 Eticamente, cabe aos tradutores e clientes avaliarem se o risco justifica a economia de custo.

👉 E culturalmente... estamos num momento de transição, onde a discussão está longe de acabar.



Moral da fábula, caros amigos desta floresta em desmatamento: a Inteligência Artificial só é uma ferramenta útil porque ela é vendida como tal. É puro marketing associado à imposição de uma vida acelerada em que a qualidade não importa mais. É como aquele amigo que todo mundo já teve, que é conhecido por ser muito simpático, muito solícito, muito "galera", mas que, quando a gente precisa dele numa situação de vida real (tipo numa emergência), ele é o primeiro a vacilar e deixar a gente na mão. Mais uma vez eu pergunto: "Será que vale todo esse esforço para algo que não é confiável? Até quando vamos aceitar tudo isso calados?"